

**TERRA SONÂMBULA: ENTRE O CORPO E A HISTÓRIA**

Vanessa Ribeiro Teixeira (UNIGRANRIO)

[vanessarteixeira@gmail.com](mailto:vanessarteixeira@gmail.com)

Ana Carolina Cardoso (UNIGRANRIO)

**RESUMO**

*Terra Sonâmbula* (1992), primeiro romance publicado pelo escritor moçambicano Mia Couto, nos transporta para um universo singular, no qual o percurso ficcional, engendrado por uma espécie de prosa-poética, abre espaço para a reflexão sobre os descaminhos trilhados pela sociedade moçambicana pós-colonial e imersa na guerra civil. Numa caminhada que sinaliza a redescoberta trágica da terra moçambicana, Muidinga – o menino – e Tuahir – o ancião – deparam-se com uma realidade caótica, que se aproxima da ideia de pesadelo. Nesse sentido, o sonambulismo da terra será comparado ao “pesadelo da história” benjaminiano e a reescrita dessa história trágica será talhada, alegoricamente, na configuração dos corpos dos personagens espalhados pela narrativa.

**Palavras-chave:** Mia Couto. Ficção. Moçambique. Corpo. História.

António Emílio Leite Couto, ou Mia Couto, é um biólogo e escritor moçambicano. Nascido na província de Sofala, em 05 de julho de 1955, começou a escrever poesia na adolescência, tendo alguns dos seus poemas publicados no jornal local *Notícias da Beira*, quando completava, na altura, quatorze anos de idade. Em 1971, ao se mudar com a família para a capital do país, Maputo (antiga Lourenço Marques), começa a trabalhar em alguns jornais e revistas, atuando como editor e como diretor das publicações. Em 1983 vem a público o seu primeiro livro, *Raiz de Orvalho*, no qual são publicados vários de seus poemas.

O ano de 1992 se torna um marco para a carreira deste escritor, pois vem a público *Terra Sonâmbula*, seu primeiro romance. Tendo sido galardoado com o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos, em 1995, e eleito como um dos dez melhores livros africanos do século XX, por um júri formado na Feira Internacional do Livro no Zimbabué, em 2002. *Terra Sonâmbula* dá solidez a uma produção literária que decide trilhar os caminhos da ficção, seja percorrendo as vielas da narrativa curta, donde se destacam os livros *Vozes Anoitecidas* (1986), *Cada Homem é uma Raça* (1990), *Estórias Abensonhadas* (1994), *Contos do Nascer da Terra* (1997) e *O Fio das Missangas* (2003), seja caminhando longas estradas na feitura de romances, dentre os quais, além do já mencionado *Terra Sonâmbula*, se destacam *A Va-*

randa do Frangipani (1996), *Vinte e Zinco* (1999), *O Último Voo do Flamingo* (2000), *Venenos de Deus, Remédios do Diabo* (2008) e *A Confissão da Leoa* (2012), entre outros.

Mia Couto é reconhecidamente uma das principais vozes da literatura moçambicana contemporânea, destacando-se como o mais lido e mais traduzidos entre os escritores de uma geração que inclui os nomes de João Paulo Borges Coelho, Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa. Em *Terra Sonâmbula*, obra sobre a qual nos debruçaremos em nossa análise, percebemos que alguns elementos fundamentais para a construção de uma memória cultural endógena moçambicana, tais como os enfrentamentos coloniais, as relações entre tradição e modernidade, os encontros e desencontros entre cultura escrita e cultura oral, as inter-relações possíveis entre o mais velho e o mais novo, passeiam pelas linhas de um romance tão surpreendente quanto complexo. As palavras-chave para orientar sua leitura talvez sejam: memória, encontro, sonho e caminhada.

Quando pensamos em memória, imaginamos um exercício de “retorno” ao passado, uma forma de trazer para o presente fatos e histórias que, de alguma forma, marcaram nossa vida. No romance de Mia Couto, as memórias e “estórias” dos diversos personagens remetem, metonimicamente, a uma espécie de reconstrução da história moçambicana. Ao longo de caminhos desertos, agrestes, que parecem ter sido abandonados pela vida, encontramos os peregrinos Tuahir – o mais velho – e Muidinga – o mais novo. Lado a lado, os andarilhos redescobrem várias faces de Moçambique, refugiando-se de uma guerra (civil) que mata através das armas, mas, também, por meio do abandono da terra, que, ressentida, se nega a dar fruto, matando a população de fome.

Se, por um lado, falta o alimento, por outro, sobra fraternidade. O mais velho, literalmente, traz o mais novo à vida, já que Muidinga se via quase morto – na verdade, já estava sendo enterrado – quando foi encontrado e salvo por Tuahir. Ao longo da narrativa, percebemos que o mais velho é figura importante na vida do mais novo, dividindo com ele experiências e saberes que adquiriu durante a vida. Dentro de um determinado universo cultural africano, essa relação é de suma importância para a reatualização das tradições endógenas, visto que, como sinaliza Nsang O’Khan Kabwasa, no texto “O eterno retorno”: “a vida é uma corrente eterna que flui através dos homens em gerações sucessivas”. (KABWASA, 1982, s./p.)

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

No entanto, esse relacionamento não se baseia apenas nos ensinamentos do mais velho, e sim em uma troca de conhecimentos. Enquanto Tuahir orienta Muidinga com sua sabedoria, o menino apresenta o homem ao universo da leitura e da escrita, algo estranho e surpreendente, que se revela sedutor para Tuahir:

– *Que estás a fazer, rapaz?*

– *Estou a ler.*

– *É verdade, já esquecia. Você era capaz de ler. Então leia m voz alta que é para me adormecer.*

O miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber. O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe desperta a faculdade da leitura. (COUTO, 2007, p. 13-14)

O tempo diegético de *Terra Sonâmbula* é marcado pelo desenrolar da guerra civil que devastou o país, menos de uma década depois de conquistada a almejada independência. Apesar de nenhum combate ser narrado, a guerra está presente como uma sombra, sendo evidenciada através de um excesso de ausências: de vegetação, de alimento, de moradia, de família... É nesse momento que os personagens principais, Muidinga e Tuahir, perdidos, se encontram, buscando fugir da triste realidade de Moçambique. Durante essa fuga, os dois se deparam com uma cena que os surpreende, entre tantas outras: diversos corpos queimados dentro de um veículo; do lado de fora, a morte chegou de forma diferente, um homem tinha sido morto a tiros. Sem conseguir ver seu rosto, Muidinga e Tuahir encontram uma pasta com alguns cadernos que pareciam ser do homem morto, chamado Kindzu, e a levam consigo em busca de uma distração na viagem.

É nesse momento, quando Muidinga “descobre” que sabe ler, que as perspectivas se invertem: Muidinga ensina, Tuahir aprende. A transmissão das novas experiências, por meio de uma das principais “heranças” da colonização, a palavra escrita, vai na contramão daquilo que é comumente aceito: caberia ao mais velho, e somente ao mais velho, ensinar ao mais novo. Mia Couto, dessa forma, aponta para a possibilidade de as tradições tornarem-se “cambiantes”, assim como a história moçambicana pode ser contada a partir de vários horizontes, oficiais ou marginais.

Se, por um lado, a narrativa de Mia aponta para a valorização do texto escrito e, conseqüentemente, para o seu próprio fazer, por outro, também busca valorizar os registros da oralidade, utilizando termos cor-

rentes das línguas locais. Um dos personagens que “atravessam” o caminho de Kindzu, nomeadamente o indiano Surendra, é assim reconhecido pelos locais: “Esse gajo é um *monhé*, diziam como se não tivesse reparado. E acrescentavam: – ‘Um *monhé* não conhece amigo preto’” (COUTO, 2007, p. 24). O substantivo *monhé* identifica os indianos, porém está revestido de uma carga pejorativa. Tanto a evocação da língua local quanto a inclusão de personagens como Surendra marcam o hibridismo apresentado nas literaturas africanas.

Outro exemplo da valorização das tradições africanas na obra de Mia Couto, é a representação do antigo ritual de contar histórias em volta da fogueira, à noite. Mesmo que essa antiga tradição tenha se “atualizado”, pois é Muidinga quem aproveita a luz da fogueira para ler/contar histórias, o cerimonial não perde a importância. Rituais tradicionais da realidade moçambicana são recriados ficcionalmente no romance, de forma a reorientar as leituras possíveis da história local. Ana Mafalda Leite reconhece alguns ritos endógenos na escrita de Mia:

Pode-se, então, adiantar que uma parte significativa do material temático fabuloso de *Terra Sonâmbula* se fundamenta nas tradições dos povos do sul de Moçambique, estruturando-se, também, o romance, enquanto gênero, na intertextualização do gênero oral de entretenimento ritual diário, o conto ou variantes similares. (LEITE, 2012, p. 172)

Com o decorrer do tempo, e da leitura dos cadernos, percebemos que as histórias de Muidinga, Tuahir e Kindzu começam a se cruzar devido às “lembanças” daquilo que Kindzu viveu e a interpretação de cada leitor-personagem para essa realidade. As memórias descritas no caderno trazem o passado frio e triste de Moçambique para o presente. Essa estratégia faz com que não caia no esquecimento momentos importantes da história e que o presente não mascare o que de fato acontecia ali. Segundo Maria Perla Araújo Morais, no artigo “A invenção da verdade: Identidade, história e linguagem em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto”, “[em] um território devastado por sucessivas guerras como Moçambique, é necessário fazer as pazes com o passado para se entender o que se é no presente. Por isso, o passado surge tão vivo na narrativa” (MORAIS, 2010, p. 195)

Nos relatos de Kindzu, somos apresentados a um sujeito deslocado da realidade em que vive, isolado e perdido no mundo de seus antepassados. Seus pais o mantinham nesse isolamento por medo de que ele se afastasse de seu mundo, que esquecesse a sua história. Kindzu, então, decide fugir para lutar contra quem fazia guerra, algo que perdurava co-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

mo um mistério, nunca se sabe quem realmente quer paz e quem faz guerra. Nesse momento, ele começa a escrever em seus cadernos tudo o que vivencia. Nessa caminhada, Kindzu vê Moçambique desolada e devastada, vê sua terra coberta de sangue e lágrimas, e então passa a ter dentro de si duas realidades, aquela que seus pais contam como história do país e a que ele vê diante de seus olhos. O jovem passa a viver em dois mundos, e sua identidade se vê dividida, em duas realidades que o perseguem. A viagem de Kindzu agora não é só em busca de independência, é também em busca de sua identidade. É aí que Muidinga se identifica com o que Kindzu escreve.

Ao longo de sua peregrinação, Kindzu encontra personagens como Farida, a misteriosa mulher, habitante de um “navio fantasma”, por quem se apaixonou. A tênue fronteira entre imaginação e sonho parece perder seus contornos quando os futuros amantes se encontram. Farida é prisioneira de um navio abandonado. Kindzu não imaginaria encontrar alguém vivo nesse espaço. Por isso, quando a vê, desconfia de seus próprios sentidos. Farida, por sua vez, acredita estar mergulhada num pesadelo e, assim como a terra retratada, parece viver num angustiante estado de sonambulismo.

Outras aproximações entre Farida e a terra moçambicana podem ser destacadas. O próprio corpo da mulher é profundamente marcado, evidenciando diversos estágios de degradação, sejam eles consequências das tradições, da colonização ou da guerra. Tendo nascido gêmea, Farida sofre, desde muito cedo, com a discriminação. Na sua aldeia de nascimento, os gêmeos são vistos como amaldiçoados. Esse fato fez com que sua irmã fosse morta para esconder a verdade sobre sua origem. Sua mãe foi castigada até à morte por gerar duas crianças ao mesmo tempo. Órfã, Farida cresceu por conta própria. Após abandonar a aldeia e começar uma caminhada sem destino, foi encontrada na estrada por um casal de portugueses. A mulher, então, cuidou da menina como uma mãe. Tendo não poder cuidar de Farida por muito tempo, visto que padecia de uma grave doença, a nova mãe de Farida resolve deixá-la aos cuidados de um padre. Uma nova orfandade se anunciava.

Após certo tempo, Farida retorna à casa dos portugueses em busca da mulher que dela cuidou e não a encontra. No entanto, para a sua infelicidade, depara-se com “ex-pai-padrasto-patrão” português, que a violenta e a engravida, fazendo com que ela gerasse uma criança mulata, uma mistura de duas raças, algo também rejeitado por sua gente, além de ser fruto de uma violência. Essa realidade a faz abandonar seu filho, que,

assim como ela teve o corpo degradado, era um corpo que não podia sequer nascer. A descrição desse fato, nos faz perceber como Mía Couto retrata o encontro do colonizador com a terra moçambicana. Condição pela violência, a presença do invasor português deixa marcas para toda a vida:

Nos meses que ali permaneceu uma terrível certeza lhe foi chegando: ela se barrigava, um filho nela se aninhava. Esse menino viria a nascer sem a devida cor: seria um mulato. Tia Euzinha lhe tinha avisado: *não confesses a verdadeira raça dele, antes vale dizeres que ele é albino*. Nascera assim porque, durante o ventre dela, fora atravessado por um relâmpago. Era essa a crença que explicava os albinos. (COUTO, 2007, p. 79)

Anos depois, Farida já mulher, sofre com a falta de seu filho, e teme que ele possa fazer parte da guerra que acaba com sua terra.

Pensando no corpo e na história de Farida, podemos certamente compara-la à Moçambique, afinal, a mulher descrita no texto é um mistério, algo que não é definido como real, ou fruto da imaginação de Kindzu. Por muitos momentos ela parece estar sempre sonhando, delirando, e nunca descansa, sempre “dormindo acordada”, sempre sonâmbula. O corpo da terra e o corpo da mulher foram igualmente rejeitados, violentados e tatuados com as marcas da intolerância e da opressão.

Durante a narrativa, a paisagem de Moçambique se modifica a cada instante; a cada amanhecer a paisagem se transforma ao redor dos viajantes. A terra não consegue descansar, está atormentada, sonâmbula; a guerra não afeta apenas os homens, mas também o seu espaço:

À volta do machimbombo Muidinga quase já não reconhece nada. A paisagem prossegue suas infatigáveis mudanças. Será que a terra, ela sozinha, deambula em errâncias? De uma coisa Muidinga está certo: não é o arruinado autocarro que se desloca. Outra certeza ele tem: nem sempre a estrada se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os cadernos de Kindzu. No dia seguinte à leitura, seus olhos desembocam em outras visões. (COUTO, 2007, p. 99)

Em outro momento, Tuahir revela:

– *Lhe vou confessar miúdo. Eu sei que é verdade: não somos nós que estamos a andar. É a estrada.*

– *Isso eu disse desde há muito tempo.*

– *Você disse, não. Eu é que digo.*

E Tuahir revela: de todas as vezes que ele lhe guiara pelos caminhos era só fingimento. Porque nenhuma das vezes que saíram pelos matos eles se tinham afastado por reais distâncias.

– *Sempre estávamos aqui pertinho, a reduzidos metros.*

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonhambulante. (COUTO, 2007, p. 137)

Apesar da realidade triste de Moçambique, a guerra não impede a terra de ser palco de muitos sonhos e delírios dos viajantes, que procuram colorir a viagem e a paisagem com suas invenções de tempos melhores. Com o passar do tempo, todos os personagens do romance vão descobrindo onde se encaixam nessa terra sonâmbula, deixando claro se estão presos ao pesadelo, ou se, a partir dele, podem aportar no mundo dos sonhos.

Entre a realidade e a ficção, o sonho e o pesadelo, Mia Couto nos mostra que a História moçambicana corresponde a um entrecruzamento de pequenas “estórias”, que se complementam. Na verdade, cada história mostra uma característica, uma faceta diferente do amálgama que podemos reconhecer como a identidade de Moçambique.

No final no romance, Muidinga “renasce” através da escrita de Kindzu e da sua busca identitária. Assim como o menino, podemos ver a escrita como uma sobrevivente. Kindzu, morto a tiros e não queimado, pôde ter seus escritos preservados. Essa escrita é fundamental para o deslindar diegético.

Moçambique está longe de ter uma identidade simples, fácil de ser pensada. E só poderemos lhe conhecer alguma “essência” se considerarmos sua multiplicidade latente, sua condição de lugar de encontros e enfrentamentos. Dessa forma, sua história deve ser reescrita a partir da mistura de culturas e experiências, mesmo que tais misturas não se deem de forma pacífica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

KABWASA, Nsang O’Khan. O eterno retorno. *O Correio da Unesco* (Brasil), ano 10, n. 12, dez./1982.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

MORAIS, Maria Perla Araújo. A invenção da verdade: identidade, história e linguagem em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. *Revista Travessias*, vol. 4, n. 01, 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3590/2849>>